

# A pioneira Parobé reergue sua imagem

por Edson Chaves Filho  
de Porto Alegre

O ensino técnico no Brasil começou de fato em Porto Alegre (RS), em 1906, com a criação do Instituto Técnico Profissional, hoje Escola Estadual de 2º Grau Parobé. Mesmo respeitada pelo alto nível dos profissionais que forma e pela produção de peças e equipamentos sob medida para a indústria em geral, a instituição passou por momentos muito difíceis e hoje trabalha no reerguimento de sua imagem.

A qualidade dos profissionais da Escola Parobé pode ser medida por um fato: todos os 160 formandos deste ano estão empregados em indústrias como a Aços Finos Piratini e as que integram o pólo petroquímico gaúcho. A maior parte dos alunos começa a estagiar antes mesmo de concluir o curso e, como regra, a maioria deles já tem emprego assegurado quando recebe o diploma. A direção do colégio recebe, diariamente, de dez a quinze ofertas de empresas tanto para estagiários como para técnicos.

"Mesmo assim, estamos longe de atender à demanda do mercado", afirma o vice-diretor Luiz Carlos Félix de Oliveira. Ele cita, para exemplificar, um levantamento do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP) segundo o qual, de 1981 a 1990, haverá no estado um excesso de 2.060 engenheiros e uma falta de 990 técnicos de nível médio.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) recomenda, dependendo da área, a formação de quatro a oito técnicos de nível médio para cada engenheiro. No País, no entanto, há uma inversão de valores que leva à existência de um número muito maior de engenheiros do que de técnicos.

A Parobé tem 3,5 mil alunos matriculados, com aulas nos três turnos. No próximo ano, oferecerá cerca de quinhentas vagas em cinco habilitações, todas com cinco anos de duração: edificação, eletrônica, eletrotécnica, estradas e mecânica, que foi o primeiro curso oferecido. Essa habilitação, juntamente com eletrônica, é a mais procurada (há quinze candidatos por vaga). Nos demais, a proporção é de três por um. Também são ministrados cursos de aperfeiçoamento por especialidade em convênio com empresas.

A direção da escola está reavaliando a continuidade do curso de técnico em estradas, devido à sua baixa procura. Félix de Oliveira reconhece que o mercado de trabalho desses profissionais hoje está muito limitado porque as prefeituras, por quem eles eram mais requisitados, estão com planos de obras viárias suspensos ou limitados por causa da escassez de verbas.

Está sendo criado, em contrapartida, o curso de técnico em informática industrial, que é pioneiro no Rio Grande do Sul, para aplicação direta em empresas com tecnologia de ponta. Alguns laboratórios estão sendo adequados, as-

sim como o curriculum e equipamentos. A previsão é de que comece a funcionar em 1991. Até lá, a idéia é qualificar e incentivar o centro de informática, que dá cursos de linguagem e programação e faz a manutenção de equipamentos não só da escola mas também de outros órgãos públicos estaduais.

## A ESCOLA

A infra-estrutura da instituição está distribuída numa área de 9 mil metros quadrados, próxima ao centro de Porto Alegre. Ali existem duas oficinas mecânicas com tornearia e um laboratório para cada curso, além dos de química, física, biologia e línguas. Os alunos também dispõem de áreas de recreação e para prática de esportes.

O ensino na Parobé é totalmente gratuito. Com exceção dos professores, a instituição é mantida exclusivamente pelo Círculo de Pais e Mestres (CPM). Não há orçamento nem qualquer tipo de recurso financeiro do governo do estado, que sustenta apenas os 320 professores e, eventualmente, envia material didático. O CPM também paga os 34 funcionários administrativos.

A receita do CPM varia mês a mês, dependendo fundamentalmente do volume de encomendas recebidas das indústrias para a produção de peças e equipamentos especiais, "que a maior parte dos fabricantes de máquinas rejeita pelo alto custo", explica Félix de Oliveira. O grande trunfo da Parobé é uma máquina da marca Hauser, suíça, avaliada em US\$ 1 milhão, para a fabricação de matrizes de precisão micrométrica.

Ela permite trabalhar com medidas que vão até um micron (um milésimo de milímetro). No Brasil, só existem duas, a outra pertence a uma empresa privada de São Paulo.

Entre os clientes da escola estão gigantes como a Westinghouse, que antes recorria à Itália para conseguir suas peças, o grupo Zivi, a Olvebra, a Aeromot (fabricante de produtos aeronáuticos) e a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE).

Esse prestígio, entretanto, não tem evitado dificuldades da instituição na área financeira. "Vivemos na permanente expectativa das encomendas", lamenta o vice-diretor, que está apostando alto no Departamento de Educação e Trabalho, organismo criado neste ano pelo governo do estado para atender às escolas técnicas. "Com isso, vamos passar a receber recursos financeiros sistematicamente, o que não ocorre desde 1971", afirma.

O passo seguinte no processo de reerguimento é a aprovação do projeto, encaminhado no dia 23 deste mês à Secretaria de Educação, que prevê a volta do nome com o qual se consagrou nacionalmente — Escola Técnica Parobé — mas também o resgate do ensino técnico, "que começou a perder suas características a partir da implantação da Lei nº 5.692, de 1971".